

Prólogo: As Presas Brancas do Tigre

O horror da batalha estava estampado por todos os lados. O mundo era um reflexo do interior dos corações daqueles traidores. Aqueles malditos traidores que tinham deixado de lado sua própria raça, seus irmãos de sangue, por ideais baixos e tolos. Por ideais de paz e salvação. Afinal de contas, quem vai à guerra em busca de paz? Aqueles tolos lutavam pela paz. E pela paz eles morriam. Pois havia maior tolice do que demônios lutando pela paz?

A vila estava morrendo. Fogo e sangue por todos os lados. Os casebres daquele povo, feitos de papel e madeira, queimavam intensamente, as chamas famintas devorando seus lares com voracidade. A fumaça negra se erguia no céu, cobrindo a imensa lua branca que lançava seu brilho frio e cruel através daquela terra devastada. Como no princípio, tudo terminava em fogo. Um crepitar sombrio e maldito, que lavava a terra de seus habitantes indesejados.

Por todos os lados, jaziam os corpos dos guerreiros caídos. Bravos e fortes dieis, animais enormes e vigorosos, outrora já tinham sido um símbolo de graça e poder. Agora, mortos e derrotados, eram um exemplo perfeito de que um demônio não deveria trair os seus semelhantes. O solo estava salpicado de cadáveres. Apesar disso, mesmo depois de mortos, os dieis levantavam a taça da esperança, cobrindo aquele cemitério hediondo com as suas centenas de cores. Dieis de cor marrom, cor amarela, cor negra. Azul, vermelha, cinzenta, púrpura, lilás, laranja, prateada, seus cadáveres traziam beleza até mesmo àquele campo coberto pela sombra da morte. Como um jardim de flores póstumas.

Os dieis eram guerreiros valorosos. Não temiam a morte e abraçavam o seu fim com dignidade. De cabeça erguida, com as garras e presas à mostra, colocavam-se diante dos seus piores pesadelos com um sorriso no rosto, ansiosos pela batalha. Os dieis não temiam a morte. E por isso eram tolos. Por isso estavam morrendo.

Mas mesmo tolos, os dieis continuavam sendo inimigos perigosos. Eles eram fortes, muito mais fortes do que traidores comuns. Os dieis carregavam o espírito da guerra em sua própria essência. Os dieis eram guerreiros de tradição, que honravam um passado longínquo. Os dieis eram guerreiros descendentes de guerreiros. Uma linhagem sanguínea antiga e perigosa. E quando sua hora chegava, eram capazes de ouvir o chamado de seus ancestrais no campo de batalha. Eram capazes de ouvir o chamado em seu sangue.

E então não havia nada a fazer a não ser sucumbir ao seu destino, honrando seus ancestrais e unindo-se a eles em sua irmandade.

Dieis eram filhos das florestas, demônios que nasceram e cresceram debaixo das copas daquelas árvores. Dieis eram demônios, monstros terríveis, que carregavam a morte em cada uma de suas vinte garras afiadas. Dieis pensavam, temiam e amavam, e ao mesmo tempo eram o pior tipo de inimigo que se poderia ter. Dieis eram a união perfeita entre homem e besta, e era isso

que os tornava perigosos. Dieis aceitavam sua besta interior. E então se tornavam mais fortes do que qualquer inimigo.

E no esqueleto da vila diei, aqueles guerreiros valorosos caíam um atrás do outro. Um grande vulto, com muitos braços e muitas armas, golpeava aquelas belas criaturas com suas clavas e suas cimitarras. Cada impacto, uma morte. Cada golpe, uma vida perdida. E mesmo assim, os dieis não paravam. Pois não temiam a morte. Mais do que isso: ansiavam por ela. Pois afinal, que jeito melhor de morrer do que nas mãos do Imortal, a Determinação de Asura? De olhos fechados, eles mergulhavam para aquele final sangrento, com braços abertos e suas garras afiadas prontas para fazer em pedaços o maior de seus inimigos.

Mas por mais poderosos que fossem os dieis, suas garras eram incapazes de causar dano àquela criatura hedionda, que os golpeava com suas clavas capazes de fazer a terra tremer. Cada golpe parecia desacelerar o tempo. Cada golpe fazia o chão balançar, lançando aqueles guerreiros ao céu, destruindo-os com suas lâminas curvas, como se eles não fossem nada além de simples e fracos humanos.

E diante dessa cena terrível, havia uma criança.

Um diei. Um pequeno diei, mas, ainda assim, um demônio. Com lágrimas nos olhos, com o horror estampado em sua face, ele assistia à carnificina, paralisado. Suas duas orelhas ferinas em sua cabeça estavam agitadas, captando todos aqueles novos sons de morte e sofrimento. Suas pupilas de gato estavam dilatadas, adaptadas à escuridão noturna. Suas garras e presas estavam à mostra, mas ele ainda era jovem demais para usá-las. Ali, naquele local, naquele momento, ele nada podia fazer, além de assistir à morte de seu povo.

-Chichi-ue. -murmurou ele, tocando o corpo de um diei caído. -Chichi-ue. -continuou dizendo, balançando aquele cadáver, como se quisesse que ele voltasse a vida.

O diei morto tinha o corpo cortado e esmagado, mas ainda era possível enxergar a força que aquela criatura tivera em vida. O diei caído tinha músculos definidos e poderosos, mais forte do que qualquer outro diei que já tivesse existido naquela vila. Tinha contornos demoníacos em seu rosto, que poderiam assustar um inimigo, mas que apenas enchiam de orgulho aquele pequeno diei. As marcas de seu clã estavam estampadas ao longo de seu corpo. Faixas de pelo dourado, a mesma cor de seus cabelos e de suas orelhas de gato. Seus olhos arregalados, porém, não tinham mais brilho. Um amarelo-fosco havia se apossado de suas pupilas.

O grande diei dourado estava morto.

-Chichi-ue... -murmurou o pequeno diei, as lágrimas tomando conta de sua existência.

Ele não podia estar morto. Ele era o diei mais poderoso de todos. O melhor de todos eles. Ele era o chefe de toda essa vila. Era seu pai, seu protetor. Seu guardião, sua inspiração. Seu professor, seu mestre, seu orgulho. O diei dourado, Koganegan, carregava a força e a esperança de toda uma espécie. O diei dourado era invencível. Ninguém poderia derrotá-lo. Ele estava acima dos outros, acima de todos os outros. Era como o Sol, reinando acima de todas as criaturas. E

afinal de contas, que tipo de inimigo poderia derrubar o Sol?

Um Asura podia.

O som da batalha aos poucos foi diminuindo. Os dieis sobreviventes aos poucos estavam recuando. Seus instintos, os mesmos instintos que os chamavam à batalha e lhes diziam para morrer em combate, agora diziam para abaixarem as cabeças e fugirem, abandonando tudo o que possuíam para trás. Abandonando sua honra, seu orgulho, sua tradição, seus companheiros. Abandonando tudo para manterem-se vivos. E o pequeno diei não podia fazer nada diferente. Desesperado, derrotado, ele saiu de cima do cadáver de seu pai, com os sentimentos e os sentidos à flor da pele. E dando uma última olhada no carrasco da sua espécie, virou-se e correu para salvar a sua própria vida, contrariando todos os ensinamentos que ele tinha recebido. As lágrimas se misturaram com os soluços de vergonha e humilhação.

A vila, aos poucos, foi ficando deserta. O carrasco dos dieis, aquele terrível demônio com suas clavas, com seus muitos braços e muitos golpes, já tinha ido embora. Terminado o serviço de aniquilar traidores. A vila, em chamas. Os dieis, mortos. Os cadáveres, estirados.

E cadáveres tinham a tendência de atrair hienas. O cheiro da morte era convidativo. Terrivelmente convidativo, para alguns poucos demônios rancorosos que sempre viveram à margem da vila diei. Para alguns poucos demônios fracos que sempre temeram e respeitaram os dieis. Mas que agora sentiam apenas o mórbido desejo de vingarem-se daqueles demônios ferinos e arrogantes, banqueteadando-se em seus cadáveres.

Aos poucos, esses demônios sombrios começaram a se aproximar do campo de batalha. O pequeno diei dourado, escondido atrás de uma viga em chamas, olhou horrorizado para as criaturas que se aproximavam.

Para as criaturas que iriam se banquetear no cadáver de seu pai.

-Não! -gritou ele, correndo aos tropeções.

Aquele local era um campo de batalha. Era um local sagrado, que não podia ser maculado por aquelas criaturas necrófagas e repugnantes. Dieis valorosos tinham morrido ali. Aquele local era um cemitério. A morada eterna dos mortos. Ninguém iria maculá-lo. Erguendo os braços, o pequeno diei dourado colocou-se diante da horda de demônios que se aproximava.

-Saíam daqui! -gritou, com sua voz fraca mais parecendo o miado de um gatinho.

Os monstros atacaram.

O diei dourado fechou os olhos. Ele era pequeno, era fraco. Estava machucado, estava cansado, sabia que jamais poderia disputar com aquelas bestas famintas, mas, mesmo assim, ele ainda era um diei. Podia ter fugido antes, mas os dieis não temiam a morte. Tantos dieis tinham morrido hoje. Dado suas vidas para proteger aquele lugar. Quem era ele para fazer o contrário? O pequeno diei abriu os seus olhos dourados. Ele era Koganegan, o último diei dourado. Era o herdeiro do maior líder que essa vila já tinha tido.

Ele era a esperança. E não morreria tão fácil.

Um vulto branco despontou no horizonte. No instante seguinte, aquelas criaturas carniceiras estavam se desfazendo como poeira diante dos grandes olhos do pequeno diei. Como fumaça, seus corpos curvados e enegrecidos foram se soltando e libertando seu sangue negro. O pequeno diei viu-se coberto pelas entranhas e pelo líquido visceral daquelas criaturas, conforme elas morriam com a mesma facilidade que os dieis tinham morrido hoje. Demônios surgiam e demônios morriam. E com seus olhos arregalados, o pequeno diei dourado observou seus inimigos caírem mortos diante dos seus pés.

Dilacerados por aquele vulto branco, que rasgava-os como a luz rasga a escuridão.

Em instantes, estavam todos mortos. Seus cadáveres jogados sobre aquele cemitério, junto dos cadáveres dos dieis. A morte, afinal, não fazia distinção. Estavam todos mortos, os miseráveis e os valorosos. E todos seriam enterrados juntos naquele campo de batalha. Abismado, o pequeno diei olhou para a figura à sua frente. Olhou para o seu salvador, que debaixo daquele fogo e fumaça, mais se parecia com um espectro do que com uma pessoa de verdade. De costas para o pequeno diei, tudo que se podia enxergar dele eram seus longos cabelos brancos.

O pequeno diei olhou para as marcas brancas cobrindo o corpo daquele homem. Não pertenciam a nenhum clã diei que ele conhecesse. Eram marcas novas, que ele nunca tinha visto antes. Era também uma cor nova, que ele não conhecia. Uma cor branca, diferente do branco que ele estava acostumado a ver. Era um branco intenso, que preenchia os olhos de qualquer espectador, um branco que fazia inchar o seu peito e tremer as suas pupilas. Um branco puro e profundo, um branco vazio, capaz de trazer um novo começo àquele local morto e sepultado.

O diei branco virou-se e olhou para o pequeno diei dourado. Suas pupilas também eram brancas, como os olhos de um cego. Mas ele enxergava. Certamente enxergava. Ficando frente a frente com o pequeno diei, o demônio albino abaixou-se e acariciou as orelhas daquele ser pequenino que sozinho havia se colocado diante daqueles profanadores de tumba e o cadáver de seu pai. Os olhos dos dois se encontraram.

-Quem... Quem é você? -perguntou o pequeno diei dourado, com a voz hesitante.

-Sou um viajante. -afirmou o diei branco, com um olhar plácido. -Retornei ao meu lar tarde demais para impedir essa catástrofe, mas, pelo menos, eu pude salvar você. -ele levantou-se e olhou para o horizonte destruído. As casas em chamas. Os cadáveres estirados. -Ouvi o chamado de meus ancestrais, mas minhas pernas não foram velozes no momento em que mais precisei. Cheguei aqui apenas para ver meus irmãos mortos e meu lar em pedaços.

Nesse instante, porém, de dentro das florestas, dezenas de pares de olhos faiscantes surgiram da escuridão. Aos poucos, sobreviventes foram dando às caras, saindo de dentro dos seus esconderijos, para contemplar o último diei guerreiro sobre a terra. No início, eram poucos. Mas depois, dezenas foram surgindo. Crianças, mães, velhos. Mas todos dieis. E todo diei era um guerreiro. A vila podia ter sucumbido. Centenas podiam ter morrido. Mas os dieis não tinham sido

derrotados. Não ainda.

-Meus irmãos. -exclamou o diei branco, com a convicção queimando em seus olhos. -Meus irmãos, nós perdemos hoje, mas os dieis não acabarão assim. Eu estou de volta, meus irmãos. Vamos reerguer essa vila. Vamos mostrar a todos aqueles demônios sórdidos o quanto vale o coração de um diei.

-Mas... Mas quem é você? -perguntou uma bela garota diei, de cabelos e olhos vermelhos.

-Meu nome é Shiro Tsume. Sou o último sobrevivente das vilas dos mares do norte, o último que sobrou da minha linhagem, o último dos dieis brancos. E de hoje em diante, serei o líder e guardião dessa vila. A última vila diei.